Dr. Jim Spiegel, Filosofia da Religião, Sessão 2, Argumentos Teístas, Parte 1, O Argumento Cosmológico

© 2024 Jim Spiegel e Ted Hildebrandt

Este é o Dr. James Spiegel em seu ensinamento sobre a Filosofia da Religião. Esta é a sessão 2, Argumentos Teístas, parte um, O Argumento Cosmológico.

Certo, o primeiro Argumento Teísta que vamos olhar é o Argumento Cosmológico para a existência de Deus.

Todos os Argumentos Teístas visam provar, apoiar ou confirmar a razoabilidade da crença em Deus, e esses argumentos têm sido utilizados há séculos no Ocidente, pelo menos desde Platão. Este Argumento Cosmológico é um que parece ter sido criado pela primeira vez por Platão em uma de suas obras chamada As Leis. Os outros argumentos que foram usados, e muitos dos quais falaremos, incluem o Argumento Teleológico, que é o argumento do design. O Argumento Moral para a existência de Deus, o argumento da mente ou consciência, o Argumento Ontológico, o argumento da experiência religiosa e o argumento dos milagres, e há outros argumentos também. Os que veremos são os Argumentos Cosmológico, Teleológico, o Argumento da Mente e o Argumento Ontológico.

Então, começando com o Argumento Cosmológico, que foi na verdade nomeado por Kant, ele deu os nomes de Argumento Cosmológico, Argumento Teleológico e Argumento Ontológico. A ideia básica do Argumento Cosmológico é raciocinar da existência do mundo para uma primeira causa, a necessidade de algum tipo de explicação causal final do mundo. Um exemplo de Argumento Cosmológico é que se algo existe, então algo existe necessariamente.

Algo existe; portanto, há um ser necessário. Veremos uma versão do Argumento Cosmológico, que foi chamado de Argumento Kalam, que se originou no período medieval com alguns filósofos islâmicos. Este argumento é único porque foca na ideia de que o universo teve um começo, que o universo teve que ter tido um começo.

Então, o Argumento Cosmológico Kalam é assim. A primeira premissa é que tudo que começa a existir tem uma causa para sua existência, e o universo começou a existir, portanto, o universo tem uma causa para sua existência. Um defensor proeminente do Argumento Cosmológico é Alexander Pruss, e veremos alguns de seus pensamentos sobre o argumento.

Ele aborda três questões básicas que são colocadas com relação ao Argumento Kalam. Uma, o cosmos realmente tem uma explicação? Pode haver uma explicação que não envolva uma primeira causa, e a primeira causa do cosmos precisa ser Deus? Então, veremos essas questões e como Proust lida com elas na ordem inversa, começando com a questão, deve haver uma primeira causa do cosmos? Há o que pode ser chamado de problema de lacuna de mover-se da ideia de que o universo tem uma primeira causa para o teísmo. A ideia aqui para os defensores do Argumento Kalam é que a explicação final do cosmos não pode ser científica ou mecanicista.

Tem que ser um ser pessoal, então a primeira causa deve ser uma pessoa, sugerindo algo semelhante a Deus, já que tal ser teria que ser não apenas extremamente poderoso, mas atemporal, imutável e também extremamente inteligente ou onisciente. Quando você junta todas essas características, você obtém algo como o Deus do teísmo clássico. Agora, algum objeto que, bem, talvez haja outra explicação que não seja um tipo de causa mecanicista ou uma explicação pessoal, mas na verdade uma explicação constitutiva que seria análoga a explicar que um objeto é quente em um dado caso porque tem, digamos, alta energia cinética.

Lá, não estamos nos referindo a nada além do objeto em si para explicar, neste caso, seu calor. Proust responde a isso observando que uma explicação constitutiva, que apela a aspectos da coisa em si, não é uma explicação final porque, como ele coloca, todas as explicações finais de estados de coisas contingentes têm que ser causais, não constitutivas. E isso porque sempre podemos perguntar por que um estado de coisas constitutivo se mantém ou por que, no caso da faca, ele existe.

Lá, você precisa de algum tipo de explicação causal ou como ele veio a ter uma alta energia cinética para explicar seu calor. Tem que haver algum tipo de explicação causal lá. Então, explicações constitutivas não vão funcionar.

Quando se trata do universo, causas mecanicistas não fazem sentido. Portanto, deve haver algum tipo de explicação pessoal. Essa é a ideia básica aí.

Mas agora, podemos perguntar, pode haver uma explicação que não envolva uma primeira causa? E aqueles que colocam essa questão seguem um de dois caminhos: perguntando se pode haver uma explicação final não causal ou se uma explicação causal pode ser dada apelando para uma cadeia de causas não finais, isto é, uma cadeia causal que não tem primeiro elemento, que é uma série sem começo de causas finitas. Então, aqueles que seguem o primeiro caminho, alegando que pode haver uma explicação final não causal, normalmente invocarão algum tipo de princípio metafísico ou leis cósmicas finais. Portanto, eles tentarão evitar admitir a existência de alguma entidade ou ser fora do universo que deu origem ao universo.

O problema aqui, de acordo com Proust, é que isso é realmente incoerente. Uma explicação final tem que ser uma coisa, tem que ser algum tipo de ser, para explicar o cosmos, porque princípios não são coisas; eles não são entidades tais que tenham qualquer poder causal. Isso é verdade para as leis da natureza quando pensamos sobre, digamos, a lei do inverso do quadrado, a lei da gravidade ou a primeira ou segunda lei da termodinâmica.

Essas leis são, na verdade, fórmulas; elas descrevem como as coisas acontecem no universo; elas não são entidades tais que, digamos, a gravidade causa alguma coisa. Na verdade, isso continua sendo uma questão em aberto. O que é que explica causalmente essa regularidade que observamos na natureza? Mesmo chamá-la de força não fornece uma explicação.

Deve haver algum tipo de entidade ou agente ou ser que explique isso, e assim acontece com todo o universo em si. Deve haver alguma entidade. Um princípio metafísico não é uma explicação causal. David Hume toma o segundo caminho, que é apelar para a ideia de uma cadeia sem começo de causas não últimas.

Ele diz que cada ser contingente poderia ter uma causa que é outro ser contingente, e assim por diante, ad infinitum. Assim, não é preciso admitir a existência de um ser supremo e todo-poderoso que fez o processo acontecer. Então, se pudermos explicar cada parte do universo apelando para outra parte finita, e isso continuar indefinidamente, então cada parte será explicada, e não precisamos apelar para uma causa suprema.

Proust diz que isso é problemático simplesmente porque o que precisa ser explicado é toda a cadeia em si. Como você consegue fazer uma cadeia funcionar, uma cadeia causal de seres contingentes, sem algum primeiro membro ou agente que fez toda a cadeia funcionar? Ele dá a ilustração de uma bala de canhão, cujo voo de uma bala de canhão pode ser explicado por cada momento em seu voo. O estado da bala pode ser explicado por um estado anterior.

Alguns tentarão usar isso como uma analogia ao que Hume está falando aqui. Mas, novamente, isso levanta a questão: o que explica o voo da bala de canhão? Como ela começou? Como ela chegou a voar pelo ar? E esse é o tipo de explicação definitiva para o voo da bala de canhão que é análogo ao início do universo. O que fez essa cadeia causal de seres contingentes começar em primeiro lugar? Uma série sem começo não faz sentido.

Isso é algo que Aristóteles enfatizou, e muitos outros desde então, é problemático com esse tipo de abordagem. Então, o cosmos precisa mesmo de uma explicação? Essa questão sugere a necessidade de um princípio que explique nosso desejo de encontrar uma explicação definitiva. Que tipo de princípio está envolvido aqui? É

algo chamado princípio da razão suficiente, que foi articulado de várias maneiras diferentes.

A versão de Proust é que todas as proposições contingentemente verdadeiras têm explicações. Uma verdade contingente é aquela que não é necessária. É verdade, digamos, que há uma mesa nesta sala, mas poderia ter sido de outra forma.

Poderia ter sido o caso de não haver mesa nesta sala, ao contrário de verdades necessárias, que não podem ser falsas. Como que um triângulo tem três lados ou um solteiro é casado. Essas são necessariamente verdadeiras.

Elas não podem ser falsas. E então, quando falamos sobre o universo, algo que pode não ter existido, essa é uma verdade contingente. O que explica isso? Precisa haver algum tipo de explicação causal.

De acordo com o princípio da razão suficiente, todas as verdades contingentes têm explicações. Agora, uma das objeções de Hume é quando se trata da ideia do universo precisar de uma explicação, o fato de que podemos imaginar o universo ou qualquer coisa surgindo ex nihilo, ou sem nenhuma explicação, mostra que deve ser possível. Podemos imaginar qualquer objeto surgindo de repente.

Isso mostra que deve ser possível, em algum sentido, que isso aconteça. Talvez isso pudesse ter acontecido com o universo. Então talvez nem todas as coisas exijam uma explicação.

Talvez o princípio da razão suficiente esteja errado aqui. Proust responde a isso observando que isso realmente exige muito em termos de nossa capacidade de imaginar qualquer coisa surgindo pura e simplesmente sem nenhuma força causal envolvida. Teríamos que imaginar com sucesso a ausência de qualquer influência causal no aparecimento repentino do objeto que estamos imaginando surgindo.

Então, Proust diria que isso é realmente um tipo de autoengano ou uma falta de entendimento adequado do que está acontecendo quando imaginamos algo. Não estamos realmente sendo fiéis à verdade da situação se achamos que podemos realmente imaginar algo surgindo sem nenhuma causalidade envolvida. Então, ele diria que Hume está equivocado aí.

Então, quais são nossas justificativas para acreditar no princípio da razão suficiente? Uma das coisas que Proust observa é que o princípio da razão suficiente é autoevidente. E isso é claro, ele diria, no fato de que ninguém nunca questiona se algum evento na vida diária tem uma explicação causal. Sabe, se você vai até seu carro e descobre que há um pneu furado, sabe, você nunca considera a possibilidade de que talvez não tenha sido, não tenha sido causado para ser assim, simplesmente aconteceu espontaneamente.

Ou se o dinheiro desaparece da sua carteira ou bolsa, nunca lhe ocorre pensar que, bem, talvez ele simplesmente tenha desaparecido espontaneamente. Não, sempre há algum tipo de explicação causal. Procuramos causas em todos os outros contextos da vida.

Por que não faríamos o mesmo quando se trata do universo como um todo? Em segundo lugar, negar o princípio da razão suficiente derrota a maior parte do resto do nosso conhecimento e entendimento. Existem alguns domínios onde explicações causais não entram em jogo, como quando estamos fazendo, digamos, matemática pura. Mas quando se trata da maior parte do resto da vida e da investigação, estamos falando sobre, você sabe, relações causais.

E nossa compreensão do mundo depende certamente da ciência e de tantos outros campos nessa ideia de que estados de coisas e seres têm explicações causais. Então, se não podemos confiar no princípio da razão suficiente ou não aceitamos isso, então todo o conhecimento que temos que é baseado no princípio da razão suficiente falha em última análise. Então, teríamos que ser céticos bem radicais se rejeitássemos ou duvidássemos do princípio da razão suficiente.

Agora, alguns reclamam que os defensores cosmológicos são inconsistentes porque, após empregar o princípio da razão suficiente para inferir a existência de uma primeira causa, eles o abandonam e se recusam a explicar a escolha da primeira causa para criar o mundo. Então, a questão é colocada: o que fez Deus criar o cosmos? Se vamos apelar a Deus como a causa última do cosmos e vamos estar tão comprometidos com o raciocínio causal aqui, não podemos então, por sua vez, perguntar, bem, e Deus? O que o levou a fazer isso? A resposta de Proust aqui é que Deus escolheu criar o mundo por causa de certos valores que Ele tem e o fato de que Ele sabia que nosso mundo satisfaria esses valores ou os objetivos de Deus. Então, podemos apelar às próprias intenções ou motivos de Deus, mas por que Deus mantém os valores que Ele mantém é outra questão que poderíamos fazer e que alguns fazem em resposta.

Charles Proust diz que, por qualquer razão, Deus prefere as coisas que Ele faz. Ele tem os valores que Ele tem. Talvez precisemos de uma revelação especial para saber disso, e se olharmos para as escrituras, acho que obtemos algumas pistas sobre os valores supremos de Deus, o tipo de ser que Deus é, o que pode explicar por que Ele fez o universo e por que Ele fez os seres humanos do jeito que Ele fez, mas isso sempre remonta à natureza de Deus, Proust diria.

Afirmar o princípio da razão suficiente não nos compromete a dizer que todas as explicações são, em última análise, conhecíveis e que sabemos tudo sobre cada explicação. Então, você pode saber como um ser veio à existência ou quem o causou sem saber por que a pessoa ou coisa que o causou ou como a coisa o trouxe à

existência. Você não precisa saber essas outras informações básicas para saber a coisa para a qual você está procurando uma explicação, que ela tem a explicação causal que tem.

Então, mesmo que não saibamos que Da Vinci, não sabemos por que Da Vinci pintou a Mona Lisa ; não sabemos se houve um indivíduo real que atendeu por esse nome; pelo menos, não acho que os historiadores saibam disso. Existem diferentes teorias sobre o porquê de ele ter pintado aquela pintura, mas ainda sabemos que ele fez isso. Então, você pode saber a explicação causal básica de uma coisa sem saber esses outros detalhes. Então, por que não podemos saber que Deus criou o universo mesmo que não saibamos todas as razões pelas quais ou talvez nenhuma das razões pelas quais?

William Lane Craig é outro defensor líder do argumento Kalam, e ele e outro filósofo chamado Wes Morriston têm debatido esse argumento várias vezes. Wes Morriston era um filósofo cristão, mas ele era muito crítico da teologia natural e dos argumentos teístas em particular. Ele foi um crítico líder do argumento Kalam e da defesa particular do argumento por Craig.

Então, veremos alguns dos argumentos de Craig em defesa do argumento de Kalam, especialmente sua defesa da segunda premissa de que o universo começou a existir. Ele dá alguns argumentos filosóficos em defesa disso e um argumento científico. Então, seu primeiro argumento filosófico contra a ideia de um passado infinito é que uma série infinita real não pode existir.

Uma série sem começo de eventos no tempo é uma série infinita real; portanto, uma série sem começo de eventos no tempo não pode existir. Ele usa esta analogia de uma prateleira infinitamente longa de livros de biblioteca. Suponha que nesta prateleira de livros de biblioteca, todos os outros livros sejam azuis e todos os outros livros sejam vermelhos.

Então, é infinitamente longo, infinitamente longo, azul, vermelho, azul, vermelho, azul, vermelho, azul, vermelho, azul, vermelho e vermelho. Estamos assumindo, para efeito de argumentação, que você pode ter uma série de livros realmente infinitamente longa. O número total de livros seria, é claro, infinito, mas agora, qual seria o número total de livros azuis nessa série? Seria infinito também.

Então, metade do número total de livros seria igual ao número inteiro de livros naquela série. Isso implica uma contradição em que a metade é igual ao todo. Craig argumenta que isso mostra que há algo incoerente sobre a ideia de uma série infinita real.

Então é isso que ele quer dizer aqui. Agora, a crítica de Wes Morriston a isso é notar que o argumento de Craig assume uma versão do que é chamado de Máxima de

Euclides, que diz que um conjunto deve ter um número maior de elementos do que qualquer um de seus subconjuntos próprios. É isso que Craig está assumindo aqui.

E Morrison argumenta que isso é verdade apenas para conjuntos finitos. Mas quando se trata de conjuntos infinitos, todas as apostas estão canceladas com relação à Máxima de Euclides. Em todo caso, ele diz que a Máxima de Euclides é controversa e tem sido debatida.

Então, há um certo impasse entre eles nesse ponto. Morrison também aponta que há exemplos de conjuntos que têm infinitamente muitos membros. Qualquer pedaço finito de espaço, ele diz, pode ser infinitamente dividido em sub-regiões.

Corte-o ao meio, corte essa metade ao meio, corte aquilo ao meio, e faça isso presumivelmente indefinidamente. E se esse for o caso, então isso não sugere que há um número infinito de sub-regiões, mesmo em apenas um espaço pequeno e finito? A resposta de Craig a isso é que isso só mostra que o espaço é potencialmente infinitamente divisível. Não prova uma série infinita real de espaços.

Morrison responde que o espaço não poderia ser potencialmente divisível infinitamente dessa forma se essas regiões distintas já não estivessem lá. Você não pode fazer uma divisão se não tiver um vão lá ou uma região que possa ser assim dividida. Então, a divisibilidade potencial de um vão finito mostra que há algumas sub-regiões realmente infinitas lá.

Craig oferece outro argumento filosófico contra um passado infinito. É assim. Uma série de eventos no tempo é uma coleção formada pela adição de um membro após o outro.

Uma coleção formada pela adição de um membro após o outro não pode ser realmente infinita. Portanto, uma série de eventos no tempo não pode ser realmente infinita. Para isso, Morrison diz, claro.

Mas ele não acha que isso se aplica a uma série que não tem começo temporal. Isso muda tudo o que estamos falando, na visão dele, potencialmente. O universo não tem começo temporal, e então o pensamento de Craig aqui não se aplica.

Então Craig tem um argumento científico contra um passado infinito, apelando para a cosmologia do Big Bang. Ele se refere aqui ao desvio para o vermelho, que foi descoberto por Edwin Hubble na primeira parte do século XX. Ele notou, olhando para o céu noturno, que a luz de estrelas distantes, galáxias distantes, estava se deslocando em direção à extremidade vermelha do espectro de luz.

Sugerindo que todos esses corpos celestes estão ficando cada vez mais distantes. É uma espécie de efeito Doppler óptico. E ele naturalmente inferiu disso que o universo está se expandindo.

E então, conforme mais pesquisas foram feitas, mais descobertas sobre o quão vasto o universo é, centenas de bilhões de galáxias com centenas de bilhões de estrelas, expandiram-se aproximadamente à velocidade da luz. Então, se rebobinarmos isso, já que o universo não se apaga infinitamente, presumivelmente, então em algum ponto do passado finito, toda a matéria do universo deve ter sido contida em algum tipo de pedaço finito. E então, por qualquer razão, ele explodiu na velocidade da luz e tem se expandido desde então.

Mas a ideia aqui é que o universo teve que ter tido um começo. E os cosmólogos do Big Bang dirão, em qualquer lugar, não sei, de 12 a 14 bilhões de anos atrás, que o Big Bang aconteceu. E é consenso da maioria, da grande maioria dos cosmólogos, que foi isso que aconteceu.

Para que o universo tenha um passado finito. Essa é a visão que está sendo recebida por cientistas e cosmólogos hoje. E então essa é uma espécie de recomendação dessa segunda premissa do argumento Kalam.

A resposta de Morrison a isso é que, na melhor das hipóteses, isso mostra que o universo provavelmente, muito provavelmente, teve um começo. Não prova isso com certeza. E não descarta a possibilidade de um universo oscilante, onde você tem expansões e contrações que continuam infinitamente.

Embora a teoria do universo oscilante esteja fora de moda atualmente, acho que Morrison diria, pelo que sabemos, que ela pode ser verdade. Então, o começo deve ter uma causa? Craig gasta um pouco menos de tempo discutindo essa questão, especificamente a primeira premissa do argumento Kalam porque há muito menos controvérsia aqui. Há muito menos desafio para essa premissa do que para a outra premissa do argumento Kalam.

O ponto de Craig aqui é que tudo que começa a existir tem uma causa para sua existência. Nós falamos sobre o princípio da razão suficiente e o absurdo de supor que qualquer objeto poderia simplesmente aparecer do nada, pura e simplesmente. Craig traz a ilustração de um tigre.

Supor que um tigre pudesse aparecer de repente no meio desta sala é absurdo. Também é um pensamento assustador. Mas isso é uma evidência intuitiva, ele diria, de que o universo inteiro não poderia simplesmente aparecer e vir à existência sem causa do nada.

Então, se reconhecemos o absurdo dessa proposta quando se trata de um objeto ou animal em particular, então quão mais absurdo é supor que o universo inteiro poderia vir à existência pura e simplesmente do nada? A resposta de Morrison a isso é que acreditamos nisso sobre tigres porque eles são os tipos de objetos que vivenciamos, mas não temos experiências semelhantes em relação ao universo inteiro. Então, ele é cético sobre se podemos extrapolar a essa extensão. Alguém poderia argumentar que se um objeto comparativamente pequeno como um tigre ou uma cadeira não pode surgir de repente, por que estaríamos mais inclinados a pensar que todo o universo de tais objetos poderia aparecer de repente espontaneamente sem uma explicação causal?

Finalmente, a primeira causa deve ser uma pessoa? Craig diz que a primeira causa deve ser uma pessoa porque causas mecânicas operam somente quando as condições relevantes estão em vigor. Novamente, este é um ponto que Proust levantou, como notamos. Mas então, o universo não poderia ter começado se este fosse o tipo de causa que ele teve.

Mas o universo tem um começo, então que outra causa poderia tê-lo trazido à existência? Tem que ter sido uma causa pessoal. É a outra categoria principal de explicações causais. Então, o que quer que tenha feito o universo teria que ser extremamente poderoso, teria que ter tomado uma decisão para fazer o universo, teria que ter intenções, e teria que ser extremamente inteligente e sábio para fazer o universo de tal forma que seja certo para a possibilidade de vida.

Falaremos sobre outro argumento, o argumento do ajuste fino, que foca nisso. Você pega todas essas qualidades juntas: poder, inteligência, intencionalidade e a habilidade de escolher, e você acaba com um ser pessoal. Parece que esse é um retrato de um Deus pessoal no que diz respeito à causa final do universo.

A resposta de Morrison aqui é que isso leva a dificuldades em explicar como a criação voluntária de Deus foi suficiente para que ele a realizasse. E esse é um pensamento tentador. Como é que Deus fez o universo? Ele é um espírito.

É um universo físico. Certamente levanta questões sobre a natureza do universo, a natureza da matéria ou energia, e como Deus como um espírito poderia trazer o universo à tona. E certamente há dificuldades aí.

Mas acho que Craig responderia que só porque há dificuldades conceituais em resolver isso não significa que não podemos estar confiantes de que houve algum tipo de causa transcendente, superpoderosa e inteligente do universo para explicar como ele surgiu. Então esse é o argumento cosmológico com atenção especial à versão Kalam do argumento.

Este é o Dr. James Spiegel em seu ensinamento sobre a Filosofia da Religião. Esta é a

sessão 2, Argumentos Teístas, parte um, O Argumento Cosmológico.